

KANT E A HISTÓRIA REFLEXIONANTE DA FILOSOFIA NO DESPERTAR DA RAZÃO NOS SONHOS DE UM VISIONÁRIO

KANT AND THE HISTORY REFLEXIVE OF PHILOSOPHY IN THE WAKE OF REASON IN THE DREAMS OF A SPIRIT-SERR

Rodrigo Andia Araújo¹

Resumo: O objetivo deste artigo tem como eixo diretor analisar o movimento das reflexões kantianas no ensaio *pré-crítico* intitulado *Sonhos de um Visionário esclarecido pelos sonhos de um metafísico* publicado por Kant em 1766. Mesmo que o texto, naquele momento, tenha sido o primeiro esboço de uma metacrítica elaborada na metafísica, também foi um marco decisivo para as futuras reflexões do filósofo, e o ponto de partida da crítica ao dogmatismo. Este rompimento com a metafísica simbolizaria, como queremos acreditar, um primeiro despertar da razão, e a primeira iniciativa de Kant julgar a filosofia do passado. Aliás, se a nossa hipótese estiver correta, seria em nome desta ruptura que o filósofo, nessas circunstâncias, daria os primeiros passos, ainda que sutil, na direção de uma concepção inteiramente reflexionante da história. No ensaio, a crítica kantiana é construída em nome de uma metafísica meta-visível que, do ponto de vista *judicativo* das filosofias do passado, teríamos posteriormente o futuro sistema da filosofia transcendental.

Palavras-chave: Metafísica. Ótica. Dogmatismo. Juízo. História da filosofia.

Abstract: This paper aims is to analyze the movement of Kantian reflections pre-critical in essay titled *Dreams of a Spirit-serr enlightened by dreams of metaphysics*. Even the text at that moment has been the first step of a metacritique elaborated in metaphysics, it was also a watershed for the future reflections of the philosopher, and the starting point of the critique of dogmatism. This breakup with metaphysics would symbolize, as we want to believe, a first awaken of reason, and the first initiative of Kant judge the philosophy of the past. Moreover, if our hypothesis is correct, it would be on its behalf break which the philosopher, in those circumstances, would give the first steps, although subtle, towards a entirely reflective conception of the history. In essay, the Kantian critique is built in the name of a metaphysical meta-visible that, of point of view judicative of the philosophies of the past, we would have the future system of transcendental philosophy.

Keywords: Metaphysics. Optics. Dogmatism. Judgment. History of philosophy.

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP. E-mail: rod.andia@yahoo.com.br

1. O despertar do “método” na *Notícia de 1765*

“Como, no entanto, o nosso destino no mundo futuro supostamente pode depender muito do modo como ocupamos nosso posto no mundo presente, conluo com aquilo que Voltaire deixa seu honrado Cândido dizer a título de conclusão depois de tantas querelas escolásticas inúteis: *ocupemo-nos de nossa sorte, vamos ao jardim e trabalhemos!*”² (I. Kant)

No pronunciamento da conhecida *Notícia* de 1765-66, Kant propôs um novo método de ensino. Nele, o cultivo do pensamento deveria respeitar uma ordem natural que suprisse a função pedagógica, de modo que os juízos adquiridos não fossem apenas um conhecimento *rapsódico* do mundo. Para o filósofo, a metodologia era esta: os juízos de experiência serviriam como material empírico adquirido no aprendizado. Mas despertariam uma atividade que só o entendimento poderia executar. A ordem é natural porque obedece a ordem dos fatos que chegam até a razão na elaboração dos juízos e do aprendizado filosófico, como se o método pedagógico absorvesse do método racional a mesma natureza da representação que temos sobre o mundo. Mesmo porque, como vai dizer Kant na “Notícia” de 1765 neste sentido: “só os conhecimentos adquiridos da mesma, (Filosofia) e a História das opiniões humanas tornam possível fazer considerações sobre a origem de seus conhecimentos, bem como de seus erros, e riscar a planta exata segundo a qual semelhante *edifício da razão* deve ser erigido de maneira duradoura e regular” (KANT, *Notícia de 1765-66*, p.178 [AA II: 310], grifo nosso).

Nesses termos, será que poderíamos dizer que o método de ensino proposto pelo filósofo neste ano tenha sido o início de um primeiro despertar da razão daquilo que seria o futuro sistema da filosofia transcendental? É verdade que a proposta crítica não existe ainda nesta época. Entretanto, algo de novo já pode ser constatado neste pronunciamento. De que

² Kant (*Träume*, Ak II, p. 373. As obras de Kant, para este fim, serão citadas de acordo com a edição da Academia (*Kants gesammelte Schriften: herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften*), anteriormente *Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften*, 29 vols. Berlin, Walter de Gruyter, 1902. Na *Crítica da razão pura* as citações serão feitas conforme as indicações universais A (1781) e B (1787). Nos trechos citados nos *Progressos da Metafísica (Welches sind die Wirklichen Fortschritte die die Metaphysik seit Leibnizens und Wolffs Zeiten in Deutschland gemacht hat?)* e nos *Sonhos de um Visionário esclarecidos pelos sonhos da Metafísica (Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik)* nos utilizaremos das referências indicadas adotando-se a seguinte ordem: sigla em alemão da obra, referência da Akademie-Ausgabe (Ak tomo e página), página da tradução para o português indicada na bibliografia.

o movimento natural das reflexões filosóficas do pensador nesta época não parece ter sido regido em função de um sistema diurno das ideias e dos conceitos considerados intelectuais. Mas, no sentido de um “regime crepuscular” dessas mesmas representações do ponto de vista da ilusão e do extravio das ideias que foram mistificadas pela metafísica. Mesmo porque, como vai dizer Leonel Ribeiro dos Santos neste sentido da interpretação, “não são tanto as imagens óticas, mas a própria ótica enquanto ciência na sua forma moderna e a fenomenologia da visão que lhe é solidária que servem de paradigmas da filosofia transcendental” (RIBEIRO DOS SANTOS, 1994, p. 516). Foi sobre esta nova ótica que Kant se viu na necessidade de empreender um novo método que enaltecisse o aprendizado acadêmico. Mas também, de um novo método que denunciasse os extravios da razão na lapidação de uma metafísica. Então, mesmo que o sistema crítico, durante a época madura do filósofo, seja este método que nos demonstra as condições de possibilidades da metafísica. E, de que o seu passado foi alvo de um dogmatismo presunçoso do *juízo* que ultrapassava os limites de uma experiência possível, não é preciso nos situar apenas em torno da *Crítica da razão pura* (1781) para constatar que uma “história filosofante” só seria possível neste sentido do ponto de vista de uma faculdade amadurecida de julgar. Entretanto, a questão ainda permanece. Pois, se em 1765 o sistema da filosofia transcendental não estava ainda plenamente formado, o que permitia Kant então enxergar a história da filosofia já com os olhos desta nova ótica que denunciava o progresso da metafísica?

Na primeira *Crítica*, por exemplo, Kant nos fala de uma natureza arquitetônica da razão que, sob o seu governo, nada é estabelecido de maneira rapsódica. A razão busca uma totalidade e uma intenção última para a metafísica que só é possível em função de um princípio *a priori* que esteja regulando esta unidade. Esta unidade gera um sistema a partir de uma ideia da razão que justifica a sua intenção pela metafísica. O sistema desses conhecimentos *a priori*, como disse Kant na *Arquitetônica*, é a filosofia. Mas, se é em função dela, enquanto sistema, que extraímos o modelo correto para o *juízo* de “todas as tentativas de filosofar”, não podemos negar a sua semelhança com aquele método proposto pelo filósofo em 1765. Mesmo porque, como vai dizer Kant (*KrV* B 865) já na *Crítica* a este respeito:

A razão disso é que as únicas fontes do conhecimento a partir das quais o professor pode obter conhecimento não estão em parte alguma a não ser nos verdadeiros e essenciais princípios da razão, de modo que também o estudante não pode adquiri-los nem recusá-los em nenhum outro lugar.

Portanto, mesmo que o filósofo crítico, dentro desta perspectiva transcendental, seja o único capaz de nos fornecer um ponto de vista correto do “acabamento”, que é o acabamento completo da razão pura enquanto sistema, nos *Sonhos de um visionário esclarecidos pelos sonhos da metafísica* (1766), Kant já estaria no caminho de seu primeiro “despertar”. Mas, em que sentido? O diagnóstico empreendido pelo filósofo naquela época já dizia respeito a um entendimento doentio que precisava ser regulado no sentido de uma cura. A metafísica era esta doença exaltada pelos fantasistas que a mistificava em nome de uma outra realidade que permanecia, sem método, no “reino das sombras” (*Reich der Schatten*) (KANT, *Träume*, Ak II, 317). Mas, seria assim que Kant, no seu ensaio pré-crítico, identificaria a raiz do problema cultivado pela metafísica. Principalmente se nessas circunstâncias pensarmos o problema da metafísica a partir de uma irritabilidade do ânimo que ampliava consideravelmente as representações a partir das intuições que tínhamos do mundo. Tal diagnóstico, inserido dentro de uma perspectiva reflexionante da história, isto é, da constatação de uma metafísica já fracassada, ocorreria justamente em função deste “distúrbio” onde Kant, pela primeira vez, identificaria a fraqueza do entendimento. A metafísica precisava então ser reavaliada no sentido de uma cura na forma de um novo método. Principalmente para descobrir a ordem natural dos juízos que, durante a história, se “dogmatizaram” sem que um procedimento ocorresse por demonstração e prova. Mesmo porque, se respeitarmos a ordem da exposição filosófica que Kant propõe nos *Sonhos de um visionário*, percebemos que a primeira parte do ensaio é dogmática. Mas, se o conteúdo da metafísica é dogmático, (mistificada pela visionariedade da época), ela pode desatar a bel-prazer o seu próprio nó (KANT, *Träume*, Ak II, 319).

A metafísica está atada em função de um nó que ela mesma elaborou. Na verdade, por conta de uma irritabilidade do ânimo que desfoca as representações transformando-as em entes reais. Ocorre então uma disfunção no ponto de convergência da imagem que, segundo Kant, é o *focus imaginarius*. Portanto, a representação, aquela que deveria se situar no ponto de convergência do aparelho motor do ânimo, se travesti de corpo, como se a imagem fosse o próprio objeto representado pelo sujeito. Mas no uso adequado dos

sentidos, o ponto de dispersão não ocorre, pois todas as linhas diretrizes da sensação se direcionam no ponto de convergência para a representação correta do objeto que está sendo representado e lapidado pelo entendimento. Por isso, de acordo com esta ótica, diz Kant, “os visionários – que são os metafísicos – distinguem-se, portanto, dos sonhadores acordados, não só segundo o grau, mas inteiramente e segundo a espécie [...]” (KANT, *Träume*, Ak II, 343).

No entanto, mesmo que Kant não esteja atribuindo ao conceito identificado o elemento da ilusão transcendental com que futuramente trabalharia na *Crítica da razão pura*, o termo utilizado no ensaio pré-crítico continua sendo o do *focus imaginarius*. Mas, de uma ilusão atribuída do ponto de vista lógico dos conceitos quando a representação não encontra o seu ponto de convergência para uma determinada ação do entendimento. Ora, se esta ilusão ocorre em nome de uma metafísica reconhecidamente fracassada, só um exercício de paralaxe intelectual poderia curar a doença desses visionários. Como se este exercício intelectual fosse um esforço de correção para, em função de um novo método, analisar e corrigir o juízo daquelas metafísicas que não se concretizaram corretamente. Trata-se, como se vê nos *Visionários*, de um esforço reflexivo de comparação e abstração onde a observação se coloca no lugar de uma razão alheia e exterior a ela para a contemplação dos juízos. Segundo Kant, só este exercício de *paralaxe* expressaria este esforço do entendimento observar a si próprio, assim como “[...] o único meio de evitar a ilusão ótica e de pôr os conceitos em seu devido lugar, nos quais se encontram em vistas das capacidades cognitivas da natureza humana” (KANT, *Träume*, Ak II, 349).

Dadas então as premissas, qual seria o real motivo crítico que nos permitiria perceber um primeiro despertar da razão na filosofia transcendental? Contudo, se podemos encontrar esta primeira “centelha”, antes mesmo da demonstração de uma “história da razão pura” construída arquitetonicamente do ponto de vista transcendental, algo ainda incitaria a nossa curiosidade. Pois, se é unicamente pela crítica que “[...] podem – segundo Kant – ser cortadas as raízes do *materialismo*, do *fatalismo*, do *ateísmo*, da *descrença* livre pensante, da *visionariedade* e da *superstição*”, então com que medida podemos proporcionar consistência ao argumento relacionando o pensamento crítico com aquele ensaio do filósofo de 1766? Sabemos, contudo, que o método crítico é o único que nos proporciona uma *certeza apodítica* do mundo em função da experiência possível executada pelas

categorias *a priori* do entendimento. A capacidade de pensar, por isso, determina o objeto, e liga as representações da sensibilidade. Mas, no ensaio pré-crítico esta proposta ainda não existe, e a reflexão se limita a um esforço apenas de paralaxe que compara as representações de nossas capacidades. Mesmo assim, não podemos negar a mudança de perspectiva. Pois, com a publicação dos *Sonhos de um visionário*, um primeiro despertar ocorre nas reflexões kantianas, ainda que sutil, de empreender na metafísica um novo método. Primeiro, em função de fortes paralaxes que compara a validade dos juízos quando o *focus imaginarius* se situa fora do campo focal da representação, e depois, a partir de uma análise consistente das nossas capacidades empreender criticamente o método que salvaguardaria a própria metafísica. Só assim é que as reflexões kantianas sobre a filosofia, a metafísica e da “história” se amadureceriam em função daquilo que viria a ser posteriormente na *Crítica a Faculdade de julgar (Urteilkraft)* amadurecida. O método histórico absorveria do método crítico a sua maneira de interpretar as filosofias do passado, completando o sistema, como se a história da filosofia fosse no fundo uma história da razão pura.

2. O despertar da “razão” nos *Sonhos de um Visionário*

A análise do ensaio pré-crítico, se observada então mais atentamente nesses termos, nos revela alguns detalhes interessantes no modo de exposição conceitual com que Kant agora está trabalhando a metafísica. Pois, se o problema agora é pensar a filosofia sob uma nova ótica, ainda que num estado pré crítico, um primeiro despertar do filósofo ocorre em função de um método. O método utilizado no ensaio é, como já nos referimos, o do exercício de paralaxe intelectual. De um esforço reflexivo que procura medir a intensidade dos juízos e de corrigir a ilusão de ótica provoca pelo ponto de dispersão do *focus imaginarius*. Mesmo Kant não tendo consciência ainda no presente ensaio do exercício crítico das capacidades cognitivas, algo de inédito já podia ser observado nas reflexões kantianas. Pois, o método ainda não era um exercício propedêutico que avaliava as capacidades do entendimento e da sensibilidade, mas era digno de nota o fato do filósofo já ter reconhecido ali, como ele mesmo dirá, “a fraqueza do entendimento”. E, se é esta que muitas vezes promove uma ligação aparente entre “verdade” e a “mentira” sem uma devida

distinção, não seria este primeiro despertar de Kant de uma metafísica visionária que o conduziria pouco à pouco a uma crítica da razão? Aliás, se procedimento, ao que parece, é semelhante, então, só na primeira *Crítica* é que o filósofo teria consciência de “[...] medir a sua própria faculdade segundo a diversidade dos modos pelos quais escolhe objetos para o pensamento”.

Nesses termos, se há uma consonância entre o ensaio de 1766 e a primeira *Crítica*, na qual Kant diz ser esta “um tratado do método” e “não o sistema da própria ciência”, esta seria a do amadurecimento do método que salvaguardaria posteriormente o fundamento transcendental da metafísica. A fraqueza do entendimento denunciaria a exigência desta mudança que só o exercício crítico das faculdades poderia executar na filosofia. Primeiramente, em função de um método que comparasse os juízos das representações sem fazer a distinção da natureza entre elas. Mas depois, em função de um método que corrigisse, a partir de um fundamento transcendental, a origem desses juízos segundo o nosso modo de representar e conhecer o mundo objetivamente. Obviamente, se assim pensamos, não daqueles juízos que se formam no ânimo, mas do ponto de vista do entendimento universal onde em virtude da *reflexão* pudéssemos extrair juízos comuns e igualmente universais, seria assim que Kant anunciaria este primeiro método nos *Visionários*. Como se o foco de comparação desses juízos fosse o centro do *focus imaginarius* do tecido nervoso (KANT, *Träume*, Ak II, p. 344)³. Aliás, se eu as represento como se elas estivessem dentro de mim, dirá Kant, “eu não posso falhar”, e somente este esforço do ponto de vista de uma razão alheia é que poderíamos chegar a juízos universais na dissolução desta ilusão. É assim que Kant avalia naquele momento o entendimento fraco quando este estende os seus juízos para fora da experiência.

O que queremos dizer com o nosso argumento é o seguinte: que este *exercício de paralaxe* de comparar os juízos é um procedimento parcialmente cético que denuncia uma metafísica quando esta se torna objeto de um entendimento fraco que não compara as suas representações. Uma ferramenta necessária que fortalece a especulação, mas que se

³ Kant diagnostica a causa da ilusão e identifica o distúrbio do ânimo como uma doença filosófica. Este seria, segundo ele, o paraíso dos fantasistas. Mas, Kant ainda afirma que: “aqui se torna bastante provável que nossa alma ponha em sua representação o objeto sentido ali onde convergem, quando prolongadas, as diversas linhas diretrizes da impressão, deixadas pelo objeto. Por isso se vê um ponto brilhante naquele lugar em que se cortam as linhas prolongadas do olho na direção da incidência dos raios luminosos. Este ponto, que se chama de ponto ótico, é no efeito o ponto de dispersão, mas na representação ele é o ponto de convergência das linhas diretrizes, de acordo com as quais a sensação é impressa (*focus imaginarius*)”.

distingue de todas as histórias que conjecturam a existência de espíritos. Mesmo por que, não são as antinomias da razão pura o reflexo deste exercício cético que denuncia uma *aparente ilusão* dos conceitos que ultrapassam a experiência possível? Contudo, mesmo que o método cético nas antinomias, como se vê na *Crítica da razão pura*, seja este recurso que denuncia a ilusão transcendental, o resultado não seria alcançar uma espécie de suspensão cética do juízo na forma de uma *epoché*, mas sim na de um juízo universal *a priori* que conferisse uma validade objetiva para as representações. Se este reaproveitamento é válido em vista de uma crítica da razão, e de uma antinomia que desperta o filósofo do seu sono dogmático, não seria este mesmo procedimento que daria a Kant um critério seguro para avaliar consistentemente a filosofia do seu passado? E, nesta perspectiva, se é o espírito da *Aufklärung* que permite Kant, nessas circunstâncias, reconhecer a presença de uma Faculdade de julgar amadurecida, com que outra autonomia a razão teria para *julgar* os sistemas do passado se a especulação filosófica não fosse esta atividade reflexiva que só desembocaria com a publicação da obra máxima do filósofo?

O que podemos extrair deste empreendimento analítico em relação ao ensaio pré-crítico dos *Visionários*, (mesmo este ditando um ritmo não crítico na especulação da metafísica), é já a constatação de sua ilusão. Aliás, da necessidade de procurar um novo método na metafísica que denunciasses toda a visionariedade fútil de sua época. Como se houvesse já ali no ensaio uma pré-dialética que já começava a ser lapidada sobre uma nova ótica que não excluía em absoluto a meditação e a reflexão de Kant sobre os principais temas da filosofia. O ensinamento das doutrinas agora muda completamente, e deixa de ter um valor meramente pedagógico do ponto de vista da erudição. Pois, a ordem especulativa com que Kant agora trabalharia estas doutrinas ocorreria do ponto de vista de sua metodologia e não mais em função das escolas na divisão dos filósofos. A especulação filosófica de Kant ocorre agora em função da pesquisa e da reflexão metodológica, como se este exercício não excluísse em absoluto o método da sua historicidade. É nesta nova inserção da especulação metafísica que Giuseppe Micheli, por exemplo, reconhece tal dignidade. E, nesses termos, se esta perspectiva muda já a partir de 1765 e logo mais com a publicação dos *Visionários*, é porque este interesse teórico de Kant que houve em relação a história o faz compreender no fim que as doutrinas do passado sejam vistas agora como

“fragmentos de pensamento, materiais metafísicos que ele reelabora para a construção do próprio edifício especulativo” (MICHELI, 1980, p. 144, tradução nossa).

Esta maneira de Kant enxergar a filosofia a partir das doutrinas, dos sistemas e das escolas inseridas dentro de um problema especulativo, passou a ser uma característica constante nas reflexões do filósofo. Por isso, se a *Crítica da razão pura*, simboliza esta reestruturação transcendental do pensamento a partir de uma metacrítica, é porque, segundo Micheli (1980, p. 144, tradução nossa), “método cético e dialética, dois conceitos especulativamente de alto relevo no Kant crítico, são o resultado de uma longa meditação da qual foi parte não secundária também a reflexão sobre a história da filosofia antiga”. Pois, se a razão crítica é este estado consistente no qual ela alcança após ter constatado a ilusão dogmática, transformar o método cético numa propedêutica não significaria, segundo Kant, conduzir a razão a uma dissolução total do juízo, como faziam, por exemplo, os antigos pirrônicos. Mas, justamente o contrário, isto é, de fazer com que a aparência dogmática fosse denunciada e diagnosticada criticamente por uma faculdade de julgar agora amadurecida. Só assim é que a *Crítica*, através das antinomias, faz distinguir o método cético do ceticismo. Pois, segundo Kant (*KrV B*, 451):

Esse método de observar um conflito de observações, ou antes abandoná-lo a si mesmo, não para finalmente decidir pela vantagem de uma ou outra parte, mas para investigar se o seu objeto não é talvez uma mera fantasia, à qual todos se agarram em vão e com a qual, mesmo sem enfrentar qualquer resistência, nada se pode ganhar; esse procedimento, digo eu, pode ser denominado método cético. Ele é inteiramente distinto do ceticismo, que é o princípio de uma ignorância artificial e científica que mina as fundações de todo o conhecimento para não deixar, em parte alguma, qualquer confiança ou segurança no mesmo.

O resultado desta análise, como sabemos, só teria uma concisão esclarecida e madura mais tardiamente. Principalmente quando, nessas circunstâncias, o filósofo reaproveita o método cético na elaboração de uma dialética que identifica a ilusão transcendental refletida nas antinomias da primeira *Crítica*. Contudo, não para solapar as bases de um conhecimento racional como fizeram os antigos céticos. Mas, como demonstrou Kant nas antinomias, para descobrir justamente o ponto de incidência do “mal entendido” e da confusão racional que fizeram das asserções. Só assim é que, segundo o filósofo, o método cético encontraria a sua destreza no deferimento de um juízo apodítico, isto é, visando à

certeza num estado agora consistente da razão e da faculdade de julgar, “[...] assim como costumam fazer os sábios legisladores, extrair do embaraço dos juízes frente aos litígios um aprendizado, para si mesmo, sobre aquilo que é lacunar e imprecisamente indeterminado em suas leis” (KANT, *KrV*, B 452). A finalidade desta dialética, portanto, não está refletida no método sofístico para tornar que torna ‘falso’ uma ‘verdade aparente’, mas na força dos juízos quando estes se submetem a uma crítica do seu uso na razão. É assim que, num tom estritamente didático e preciso sobre o conhecimento de Kant acerca do ceticismo antigo, Micheli expõe a sua interpretação sobre a gênese da filosofia crítica, ou pelo menos disto que viria a ser a “dialética transcendental” se comparada ao ensaio pré-crítico do filósofo nos passos de uma futura antinomia da razão:

Esses conceitos, porém, não só nasceram do encontro com determinadas doutrinas do passado na atualidade da pesquisa filosófica kantiana, mas ainda, eles surgiram do encontro com o fato de que a filosofia, ela mesma, tem um passado e uma história. Método cético e dialética são conceitos que se formam e recebem a sua completa precisão no curso de uma reflexão interna na qual ocorre não só o encontro da história do ceticismo com a dialética antiga, mas também com o fato de que em geral, a filosofia possui uma história, e que a história desta é ‘um campo de batalhas sem fim’. E para a filosofia conseqüentemente enquanto tal, é necessário forjar instrumentos conceituais que a permitam compreender a relação entre historicidade do pensamento e originalidade da verdade.⁴ (MICHELI, 1980, p. 144, tradução nossa)

Todavia, se esta aparência dogmática já era identificada por Kant nos *Visionários* sem estar ainda de posse do elemento transcendental, com a *Crítica* este empenho se consumaria definitivamente. Só nessas condições do pensamento amadurecido de Kant é que a *Crítica* adquiriria esta de perceber que é a consciência da ignorância em função de uma filosofia propedêutica. Mas não de fazer dela uma posse duradoura sem fundamento como pretendeu a razão durante a sua época cética. Pois, neste sentido, se é propriamente no útero da razão que residem a origem de todos os conceitos, e, se nem a mais estrita ignorância, como dirá

⁴ Questi concetti, però, non solo sono nati dall'incontro, nell'attualità della ricerca filosofica kantiana, con determinate dottrine del passato, ma di più, essi sono sorti dall'incontro col fatto che la filosofia, essa stessa, ha un passato e una storia. Metodo scettico e dialettica sono concetti che se formano e ricevono la loro compiuta determinatezza ad opera di una riflessione all'interno della quale accade non solo l'incontro con la storia dello scetticismo e della dialettica antica, ma anche quello con il fatto che, in generale, la filosofia ha una storia, che la storia di questa è *un campo di lotte senza fine*, e che di conseguenza per la filosofia in quanto tale è necessario forgiare strumenti concettuali che le consentano di comprendere la relazione fra storicità del pensiero e originalità della verità.

Kant, pode dissolver esses problemas, (como se estes estivessem propriamente na natureza das coisas), é evidente então que “[...] é ela, portanto, que tem de prestar contas da validade ou ilusão dialética das mesmas” (KANT, *KrV B*, 791). Mesmo que esta constatação já esteja consolidada na primeira *Crítica*, isto é, na ignorância e nos limites do nosso conhecimento, nos *Visionários*, contudo, pode-se dizer que esta visão já estava parcialmente reconhecida pelo filósofo. Pois, mesmo que Kant não tenha empreendido naquele momento um exercício judicativo aos juízos que decaíam na ilusão, já era do conhecimento dele de que “[...] todo conhecimento tem dois extremos pelos quais se pode tomá-lo, um *a priori*, o outro *a posteriori*” (KANT, *Träume Ak II*, 358). E, mesmo que o filósofo reconheça que é sempre pela primeira via que a razão deve ser conduzida na solução dos problemas, a linha limítrofe continua sendo a da experiência. Só assim é que se compreenderia pela primeira vez que a metafísica, se é agora uma ciência que estabelece e determina os “limites da *razão humana*”, também seria, como reconhecerá o filósofo, alcançada “bastante tardiamente após longa experiência” (KANT, *Träume Ak II*, 368).

A denuncia irônica que Kant faz da metafísica no ensaio pré-critico é clara. Mas, por razões intelectuais, esta denuncia já nos faz perceber que Kant não olhava para a história da filosofia com os mesmos olhos do dogmatismo. A metafísica precisava encontrar o seu método sem que uma meta-visível fosse construída na elaboração desta disciplina. Kant já percebia este lapso na metafísica e de que algo não a sustentava, mesmo que a interrogação filosófica empreendida não ocorresse ainda pela via transcendental. Mas, se o discurso muitas vezes procurava retomar a linguagem dos antigos filósofos, mesmo sem a inserção ainda de uma história filosofante no sentido racional, como vai fazer Kant nos *Progressos da metafísica*, a filosofia kantiana muda a partir dos *Visionários*. Pois, depois da constatação do *espaço vazio* de Demócrito, da *imagem vazia* dos sonhos de Virgílio ou até mesmo e dos “construtores de castelos no ar”, a linguagem do filósofo, ao menos neste ponto, se mostra similar. Principalmente quando Kant começou olhar para o passado da filosofia com outros olhos, percebendo que daí em diante elas precisavam ser “*judgadas*” caso elas quisessem adquirir uma consistência maior para a ostentação agora de uma metafísica com fundamento racional (KANT, *KrV B* 859)⁵.

⁵ Em geral, o que podemos extrair de essencial a respeito desta observação, é o fato da filosofia se tornar, a partir desta consciência amadurecida da razão, sabedoria. Pois, que outro motivo teríamos para validar este argumento se não partirmos do pressuposto de que é a um entendimento universal, de uma razão que *judga*

É nesta perspectiva que o método proposto torna a filosofia kantiana oposta ao pensamento platônico. Mesmo porque, se dos juízos confusos e arbitrários da experiência nos elevamos aos juízos mais abstratos e universais, isto não significa por isso que a metafísica seja uma meta-visível caracterizada por entes espirituais. Este julgamento foi decisivo e até mesmo fundamental para a futura filosofia transcendental. Pois, se Platão quis outrora eliminar as sombras que prejudicavam o conhecimento intelectual em nome das ideias imutáveis, Kant faz o caminho inverso, mesmo retirando do filósofo o que é de essencial no conhecimento *a priori* das coisas. O início dos *Visionários* nos demonstra precisamente esta inversão que Kant estabelece no julgamento irônico que faz da filosofia passada. “O reino das sombras – afirma o filósofo – é o paraíso dos fantasistas. Aqui eles encontram uma terra ilimitada, onde podem se estabelecer à vontade” (KANT, *Träume*, Ak II, 317). Portanto, se observarmos mais detidamente esta passagem, a linguagem empreendida por Kant nos *Visionários*, se não é ainda instituída criticamente a partir dos seus princípios transcendentais, parece já não encontrar mais aquele estilo leibniziano com que o filósofo elaborava as suas reflexões anteriormente. Pois, agora, já empreendendo uma linguagem anti-platônica na filosofia neste período, Kant já era capaz de perceber o “distúrbio do ânimo”, levada a cabo muitas vezes pelos “sonhos da razão”, e que a conduzia acreditar verdadeiramente no impossível. O tom deste discurso no ensaio pré-crítico já conduzia o filósofo não enxergar a história da filosofia como uma característica excludente da razão. Pois, mesmo o método não sendo crítico ainda, seria já em nome de uma razão pré consciente de si, que o filósofo agora começaria a ditar as regras no enaltecimento desta nova perspectiva filosófica. De qualquer forma, ainda nos questionaríamos: qual seria então esta nova perspectiva enaltecida por Kant já nos *Visionários* em nome de uma futura história reflexionante da filosofia? De que o futuro método da filosofia transcendental, aquele inicialmente desperto pelo ensaio pré-crítico, juntamente com a publicação da *Dissertação de 1770*, seria também o método que tornaria

sobre o seu próprio procedimento, principalmente quando ela olha para o passado e percebe o fracasso da metafísica? Portanto, nesta perspectiva, se é a filosofia que se torna sabedoria, então a sua acompanhante na história não poderia ser outra senão a própria metafísica, pois somente o reconhecimento do seu fracasso poderia, segundo Kant, tornar a razão mais madura e de ter a consciência de que o entendimento é sempre restrito em relação a todos objetos que ultrapassam os limites da experiência. É assim que Kant (*Träume*, Ak II, p. 369), nos *Sonhos de um visionário*, se torna consciente deste reconhecimento. Pois, “quando essa investigação, no entanto, resulta em filosofia que julga sobre o seu próprio procedimento, e conhece não só os objetos, mas ainda a sua relação com o entendimento do homem, então os limites são estreitados e são colocados os marcos que nunca mais deixarão a pesquisa extrapolar a sua esfera própria”.

a história da filosofia possível segundo este mesmo fundamento crítico de fazer dela mais tardiamente, nos *Progressos da metafísica*, uma história filosofante da filosofia.

Referências

- KANT, I. *Gesammelte Schriften: herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften*. 29 vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1902.
- _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Trad. Valério Rohden. Abril Cultural, 1983.
- _____. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- _____. *Crítica da Razão Pura*. Tradução e notas de Fernando Costa Matos. Petrópolis, RJ: Editora, 2013.
- _____. *Os progressos da metafísica*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. *Los progresos de la metafísica*. Trad. Mario Caimi. México: D.R Universidad Autónoma de México, 2008.
- _____. *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica*. In: *Escritos Pré-críticos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *A filosofia e a sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MICHELI, G. *Kant storico della filosofia*. Padova: Antenore, 1980.
- _____. *Kant e la storia della filosofia*, in "Studies on Voltaire and the Eighteenth Century". (Norwich), 1980, 191, pp. 587-595.
- _____. La svolta kantiana. In: *Storia delle storie generali della filosofia*. Padova: Antenore, 1988, pp. 879-957.
- _____. Gli sviluppi storiografici del Kantismo. In: G. Piaia e G. Santinello (eds.). *Storia delle Storie Generali della Filosofia*, vol. 4/1, Padova, 1995, pp.25-134.
- _____. Filosofia e storiografia: la svolta kantiana. In: G. Santinello (dir.), *Storia delle Storie Generali della Filosofia*, 3/II – *Il secondo Illuminismo e l'età kantiana*, Ed. Antenore, Padova, 1988, cap. X, pp.879-957.
- RIBEIRO, M. C. A. *Racionalidade e crise: Estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. Curitiba: Editora UFPR, 2001.
- RIBEIRO DOS SANTOS, L. *Kant e a idéia de uma história filosófica da filosofia*. In: ENCONTRO DE PROFESSORES E PESQUISADORES DE FILOSOFIA BRASILEIRA, I., 2005, Rio de Janeiro.
- _____. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.